

MESTRE E DISCÍPULO: UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO DE DANTE E VIRGÍLIO NA *DIVINA COMÉDIA*

MASTER AND DISCIPLE: A LOOK AT THE RELATIONSHIP OF DANTE AND VIRGIL IN THE DIVINE COMEDY

Cíntia Follmann¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo fazer um breve estudo da relação entre as personagens de Dante e Virgílio dentro da *Divina Comédia*. Dante Alighieri, ao compor sua obra prima, teve especial cuidado com a construção da relação entre o mestre, Virgílio, e seu pupilo, Dante, pois ela é recheada de altos e baixos, afinidades e estranhamentos, como se espera que seja a relação entre mestre e discípulo.

Palavras-chave: relação mestre-discípulo; *Divina Comédia*; literatura italiana.

ABSTRACT: This article aims to briefly study the relationship between the *The Divine Comedy's* characters Dante and Virgil. Dante Alighieri has very carefully constructed their relationship as master, Virgil, and pupil, Dante, when he composed his masterpiece, since it is full of ups and downs, affinities and estrangements, as a relationship between master and disciple is supposed to be.

Keywords: master-disciple relationship; *Divine Comedy*; Italian literature.

Quando se inicia a leitura da *Divina Comédia*², logo se destaca o fato de Dante ter colocado como guia de seu personagem o poeta Virgílio. Esta escolha evidencia o apreço que Dante sentia em relação ao poeta latino, e sinaliza que o poeta florentino ansiava por se igualar e, por que não, superar a maestria de Virgílio, considerado um dos maiores poetas na história literária ocidental.

¹ Graduanda em Letras, Estudos Literários, UFPR.

² Usou-se neste estudo a tradução em versos de Ítalo Eugênio Mauro (ALIGHIERI, 1998), que conseguiu manter boa parte da estrutura da obra original, ou seja, estrofes ternárias com rimas alternadas, buscando manter as simetrias e efeitos belamente construídos por Dante.

Que Dante admirava a técnica e a excelência de Virgílio depreende-se sem a necessidade da inserção do poeta mantuano como guia na narrativa, uma vez que qualquer leitor atento, que tenha lido uma das mais belas obras épicas na língua latina, nota que uma das fontes usadas na concepção do inferno foi o livro VI da *Eneida* que trata da viagem de Eneias ao Averno, o inferno latino.

Mas para além dessa relação externa explícita de Dante para com Virgílio, a relação entre o personagem de Dante e o personagem de Virgílio, entre o discípulo e o mestre, no interior da narrativa da *Divina Comédia*, merece um olhar mais atento.

A personagem Dante inicia sua jornada, temeroso e em certa medida ignorante, se perde na selva escura, ou seja, está longe da iluminação divina, da sabedoria de Deus. A personagem avista um monte iluminado pelos primeiros raios de sol, mas quando tenta subir até seu cume é barrado por três feras que lhe tolgem todas as esperanças de escapar dali com vida. Surge então um ser brumoso, que inquirido por Dante se apresenta como sendo o poeta mantuano que fora enviado por Beatriz e Santa Luzia para salvar Dante e ajudá-lo a empreender uma viagem pelos três reinos divinos em busca da sabedoria divina.

A figura de Virgílio representa então, na *Comédia*, a razão da qual carecia Dante. Sendo o inferno dantesco inspirado na obra virgiliana³, ninguém melhor que o próprio poeta latino para conduzir e ajudar Dante a percorrê-lo. No início da sua jornada, Dante, devido a sua fragilidade física, espiritual e moral, é ajudado fortemente por Virgílio, que lhe abre o caminho rumo ao fundo do inferno. A fraqueza de Dante se evidencia por seus desmaios. Por diversas vezes Virgílio carrega Dante para que este consiga chegar até o fim de sua jornada. Virgílio carrega Dante, assim como um mestre por diversas vezes necessita carregar seus discípulos através do conhecimento, até

³ O Livro IV da *Eneida* é o modelo usado por Dante na criação do inferno na *Divina*, uma vez que este livro tem por tema principal a descida de Eneias ao Averno, o inferno latino, em busca do espírito de seu pai, que o aguarda com respostas e predições sobre o futuro de Eneias e sobre a grandiosidade de sua missão, fundar a nova Tróia.

que tenham condições de avançar sozinhos. Desde o início da *Comédia*, nota-se o cuidado que o autor teve na caracterização dos personagens e na construção das relações entre eles. Virgílio aparece a Dante como meio de salvação, assim como um mestre se apresenta perante seu pupilo, disposto a salvá-lo da ignorância.

A relação entre Dante e Virgílio, Discípulo e Mestre, se inicia com Dante tecendo grandes laudações ao poeta latino, e se colocando em posição de humilde aprendiz, diante de seu estimado mestre e agora guia.

“ó de todo poeta honor e lume,
valha-me o longo estudo e o grande amor
que me fez procurar o teu volume.

Tu és meu mestre, tu és meu autor,
foi só de ti que eu procurei colher
o belo estilo que me deu louvor.”

Por inúmeras vezes Dante pede explicações a Virgílio que ora lhe sana as dúvidas, ora tece pequenas críticas, pois Dante, que se diz profundo conhecedor da obra virgiliana, não reconhece, por exemplo, as margens do Aqueronte⁴.

Virgílio conduz Dante por todo inferno mantendo uma postura de força, domínio e conhecimento sobre todos os elementos que ali se inserem. Já Dante vai num crescente de força e segurança, começando sua jornada temeroso e fraco. O florentino desmaia diversas vezes diante de imagens mais fortes e sente grande pena das almas que estão sofrendo sua devida punição. Em todos esses momentos de fraqueza de Dante, é Virgílio quem o carrega, apoia e conforta ou o repreende quando Dante demonstra pena, uma vez que condoer-se da pena das almas que padecem no inferno é questionar o julgamento e a sabedoria divina.

⁴ Rio infernal descrito na Eneida com maestria e que faz parte de todo imaginário latino sobre o averno, local onde o famoso barqueiro Caronte, a troco de uma moeda, leva as almas de uma margem a outra do Aqueronte. Portanto, deveria ser reconhecido prontamente por qualquer conhecedor da obra virgiliana.

A partir da metade da jornada pelo inferno Dante vai se mostrando mais forte e começa a dar algumas alfinetadas em Virgílio, evidenciando que ele já se sente mais próximo ao nível de Virgílio, como comprovado nos versos (XIV, 43-45) do inferno: “Mestre, disse eu, tu que tudo debelas, \ Exceto dos demônios a arte dura \ Que a entrada nos barrou em suas cancelas”, em que Dante desmerece Virgílio, pois ele não consegue subjugar os demônios que tentam impedi-los de prosseguir a jornada. Virgílio nota a crítica e retribui de forma velada ao explicar por que eles encontram o Flegentonte⁵ só neste ponto da viagem. O florentino continua fortalecendo-se e igualando-se a Virgílio, chegando a dar *ordens* a Virgílio, como observável no excerto a seguir, (XXXII v. 82 a 84): “Voltei-me ao meu mestre: ‘Um pouco aqui descansa, \ Tão que aclarar uma suspeita intente; \ Depois me incitarás para a prestança’”. Apesar destas iniciativas de Dante, Virgílio ainda possui uma sabedoria um pouco superior a Dante, uma vez que o mantuano ainda oferece respostas e explicações a Dante, e é ele quem indica a saída do ínfero que os levará à praia da montanha do Purgatório.

Chegando à Praia do Purgatório, é Virgílio quem responde às indagações de Catão, guardião da praia, enquanto Dante se ajoelha, a mando de Virgílio, em demonstração de respeito e humildade. Renova-se assim, novamente a ligação entre mestre e discípulo que andava abalada desde meados do inferno, pois conforme o aprendiz vai chegando ao nível do ensinador, conforme explica Vygotski (1994), a ligação passa por altos e baixos, com o aprendiz alternando estados de deslumbramento com seu mestre e de decepção ao descobrir as fragilidades e as deficiências do ensinador.

Depois, ao serem repreendidos por Catão, as almas empreendem uma espécie de fuga e Dante, após notar a perda de compostura por parte de Virgílio, que se

⁵ Dante estranha o fato de encontrar o Flegentonte somente neste ponto da jornada, quando já se aproximam do centro do inferno. Virgílio então faz uma crítica velada, pois Dante, que se diz profundo conhecedor da Eneida, olvida o fato de ser este o rio que margeia a tríplice muralha da fortaleza onde estão Hades e Hécate, ou seja, ele se localiza próximo ao centro do inferno.

envergonha de ter se rendido, junto com Dante e outras almas, aos encantos da canção de Casella, toma cuidado para não se distanciar de Virgílio, pois (III, 4-6): “Ao mestre me achei pois, pra tamanha \ Tarefa, como iria sem sua guarida? \ Quem me alçaria ao alto da montanha?”. E depois o florentino se assusta, pois constata que só há uma sombra no chão, sendo repreendido por Virgílio (III, 19-24):

“Pra o lado me virei, na conjectura
apavorado do abandono, quando
vi só na minha frente a terra escura.
E o mestre: De que estás desconfiando?
Começou a dizer, pra trás voltado,
Contigo não me crês, e a ti guiando?”

Virgílio continua repreendendo Dante e lhe explica que somente ele possui sombra, pois as almas não possuem corpos físicos e segue divagando sobre a sabedoria divina e como ao homem é vedado o tudo saber. Virgílio abaixa a cabeça buscando na razão o caminho que melhor os conduziria à entrada do purgatório. Dante, que sustentava um olhar altivo, observando a paisagem encontra o caminho (III, 61-63): “Mestre, disse eu, levanta o olhar, talvez \ Esteja aqui quem nos possa um partido \ aconselhar, que por ti só não vês.” Aqui começamos a perceber que Virgílio, representando a razão, não é mais suficiente para auxiliar Dante em sua jornada, pois é o discípulo que encontra um meio de prosseguir. Assim aos poucos a insegurança de Dante vai se esvaindo e ele vai se tornando preparado para seguir sozinho. Mas mesmo assim Dante continua enfatizando a necessidade de ter um guia, como exemplificado nos seguintes versos:

“E ela a mim: quem então, estranhamente, \ Te trouxe aqui, se inda voltar tu crês? (XIII, 139-140)
“Cuida bem pra de mim não te afastar” (XVI, 15)
“Assim, acompanhando a fiel andada \ Do meu Mestre, saí das auras pretas \ Pra os raios que morriam já na baixada.” (XVII, 10-12)
“Quem tanto vos guiou pela escada?” (XXI, 21)

Essa ênfase na necessidade de um guia, que vem desde o inferno e permanece no purgatório, serve para ilustrar a pequenez humana em relação aos desígnios divinos. Demonstrando, dessa forma, que para uma pessoa sozinha é muito difícil alcançar a sabedoria divina, mesmo depois de desencarnada. Esse fato justifica a presença da Igreja, que deve guiar e ajudar o homem a chegar a Deus, e mesmo do Império, que deve ajudar a manter uma ordenação moral e social que ajude o homem a evitar os pecados. Pois, se até o grande Dante precisa de ajuda para cumprir os desígnios divinos, ele que foi escolhido por Deus para chegar até o paraíso em vida, que se dirá dos homens que vivem imersos na ignorância e distantes de Deus, pois não têm Igreja ou Império que velem por eles.

A relação entre Dante e Virgílio, desde o inferno até parte do purgatório é repleta de altos e baixos. Ora os poetas trocam censuras, ora elogios. Em momentos temos a impressão de que Dante já é autossuficiente, mas em seguida essa impressão é apagada por algum acontecimento. No início da jornada pela montanha do purgatório, há nas falas de Dante uma aspereza com relação à insuficiência de Virgílio, mas com o andar da jornada, Dante vai suavizando sua fala e volta a tratar Virgílio com respeito e afeição, tratando-o por diversas vezes por Pai, doce Mestre, entre outros. Isso dá a sensação de que Dante começa a compreender que Virgílio não possui a sabedoria completa e nunca poderá alcançá-la, pois está fadado a passar a eternidade no limbo, e por isso não o condena. Uma vez que o mantuano não tem a esperança de alcançar a sabedoria divina, fica implícito que Dante superará Virgílio, pois ele ascenderá ao paraíso, fato impossível ao mantuano. Outro elemento que contribui para a mudança de postura por parte do florentino é seu processo de evolução espiritual. Visto que, nesta altura da viagem, Dante, já de certa forma, quase terminou seu processo de expiação das tendências pecaminosas, tendo exaltado suas virtudes espirituais, Virgílio parece perceber essas mudanças e passa a não mais repreender bruscamente Dante, passando a aconselhá-lo ternamente.

É como se mestre e discípulo voltassem a estabelecer uma relação simbiótica, presente no inferno, e que estava meio apagada desde meados do inferno. Eles voltam a se entender apenas com o olhar. Ou seja, a relação afetiva a volta a se fortalecer, permitindo a aquisição do conhecimento, conforme um dos preceitos de Vygotski. No canto XXIII, nos versos 121-132, Dante explica à alma de seu amigo Forese Donati como foi parar nesta jornada, dando ênfase à ajuda de Virgílio que o auxiliará até chegar a Beatriz. A ênfase dada pelo autor na necessidade do guia contribui decisivamente para que a ligação entre Dante e Virgílio seja a mais verossímil possível, igualada a relação típica entre aluno e mestre, ainda lembrando o psicólogo bielorrusso.

A partir do canto XXIII a presença de Virgílio vai se esmaecendo, chega ao ponto de, no canto XXIV, Dante e Virgílio não conversarem diretamente. Num primeiro momento Virgílio fica absorto com a conversa com o poeta latino Estácio, e Dante vai apenas seguindo as duas almas conforme prosseguem a jornada. No canto seguinte o florentino encontra seu grande amigo Forese e fica envolto no diálogo com este, enquanto que Virgílio continua a conversar com Estácio, que segue junto aos poetas, pois já terminou sua purificação no purgatório. Somente ao final do canto XXIV, no verso 120, o narrador nos dá a informação de que segue sua jornada com Virgílio e Estácio. Já no canto XXV, Dante questiona Virgílio sobre a explicação de como é possível que almas sofram inanição típica da fome, mas Virgílio fala a Dante que Estácio é quem melhor poderá explicar essa condição. Evento este que destaca uma tentativa de Virgílio de se desligar de Dante, e apagar lentamente sua presença. Fazendo com que Dante prossiga cada vez mais independente, sem auxílio de seu mestre querido.

Continuando a jornada, no início do canto XXVI, Virgílio pede a Dante que “Olha: e segue com proveito meus avisos” (v. 2-3), fala condizente a despedidas, parece muito com a fala de um pai que se despede de um filho que partirá. No restante deste canto, o

mantuano vai se distanciando e deixando que Dante siga por suas próprias forças, o que corrobora para a construção de um tom de despedida. E assim, eles chegam ao final do purgatório, canto XXVII, onde os poetas são convidados, por um anjo, a atravessar as chamas que os apartam do paraíso terrestre.

Destaca-se no início do canto XXVII que Virgílio não apareça, e que a personagem de Dante se adiante em direção ao fogo por sua conta, apesar de temeroso. Então os poetas latinos são lembrados pelo narrador e Virgílio acalma Dante declarando que apenas a mureta de fogo o separa de Beatriz. Virgílio então entra no fogo e pede que Dante o siga, dando a ele sua derradeira ajuda. Chega a noite e todos dormem, Dante tem um sonho e quando acorda vê que seus guias já estão despertos e Virgílio lhe fala: “O doce fruto que por tantos ramos \ vai procurando o empenho dos mortais,\ hoje apaziguará os teus reclamos”, nos versos 115-117. Exortando Dante a se animar e retomar o caminho. Dante fica inflado de vigor e eles prosseguem a viagem. Depois Virgílio concede sua última exortação a Dante nos versos 127-142, ao declarar:

“O temporário fogo e o eterno
viste, filho, e chegaste agora à parte
onde eu já, por mim só, mais não governo.

Aqui eu te trouxe com engenho e arte;
Seja ora o teu querer quem te conduz;
duras vias já não tens pra fatigar-te.
\ ...\
Não esperes de mim palavra ou gesto
é livre a tua vontade e reta e boa;
erro seria impedi-la. Ora eu protesto
em ti, por ti, vestir mitra e coroa.”

Assim Virgílio belamente dá sua missão por concluída, afirmando que agora Dante é capaz de seguir por sua própria vontade, ou seja, já tem força e sabedoria suficiente para prosseguir sem ele. E termina dando a Dante a mitra, que representa o

poder espiritual, e a coroa que significa o poder temporal. Ou seja, Virgílio passa sua coroa de maior poeta a Dante, que neste ponto já o superou em arte e engenho.

O canto XXVII termina com a fala de Virgílio, que deixa um tom de despedida e comoção no ar. E é assim que se inicia o canto XXVIII, com o narrador mostrando que Dante segue agora sozinho pela selva que tem à frente até chegar a uma clareira onde encontra uma moça. No final deste canto Dante declara que “voltei-me, no minuto, \ pra os meus poetas e lhes vi o sorriso \ com que haviam recebido o seu tributo”, versos 145-147. O próximo canto se segue com Dante acompanhando a beata moça avistada no canto anterior, Matelda, que anda na margem oposta ao Letes, até avistarem uma procissão. E é nesse canto que pela última vez Dante vê Virgílio que lhe acena de longe.

No canto XXX, Dante busca mais uma vez o apoio de Virgílio, “mas Virgílio deixara-nos, na extrema \ hora; Virgílio, amoroso pai meu \ a quem me dei pra salvação suprema \ e nem pôde o bem, que antiga mãe perdeu, \ poupar-me a face do rocio lavada \ do lagrimar que agora a enegreceu.” Dante lamenta a ausência de Virgílio, pois já estava habituado a sua proteção e auxílio, no entanto é repreendido por Beatriz que está presente, mas oculta sob um véu e não foi ainda reconhecida por Dante. Os lamentos do poeta florentino concedem maior solidez à imagem de discípulo que titubeia ao dar seus primeiros passos sem seu mentor, imagem essa mais uma vez que reaviva o sentimento de insegurança sentido pelo pupilo, quando seu professor se afasta, pois entre eles se estabeleceu uma ligação visceral, e é necessário que o cordão umbilical que os liga seja rompido para que o aprendiz possa superar seu mestre.

A personagem de Matelda aparece no canto XXIII guiando e ajudando Dante até a sua purificação que ocorre no canto XXXI, é a guia de transição entre Virgílio e Beatriz, amparando Dante logo depois da partida do poeta mantuano, e oferecendo um apoio terno durante o esperado encontro com a beata Beatriz. É seguindo os passos de Matelda que Dante chega até a procissão mística que anuncia a chegada de Beatriz, e é

ela também que ampara o florentino que desfalece depois de receber severas reprimendas de Beatriz por sua conduta pecadora. Em seu último movimento, Matelda banha Dante nas águas do rio Letes, depois que ele se confessa, deixando-o purificado na outra margem do rio e pronto a continuar sua jornada sendo guiado por Beatriz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estabelecimento da relação entre mestre e discípulo não é algo fácil e tranquilo. Segundo Vygotsky (1994), o aprendizado é uma atividade relacional que necessita de um aprendiz e um ensinador, e para que o aprendizado seja realmente efetivo e significativo, ambos precisam estabelecer uma relação afetiva, em que o aprendiz confere ao ensinador o direito de ensinar. Portanto, ao se estabelecer a relação com o mestre, é natural a ocorrência de embates e atritos, pois há o envolvimento de duas personas, dois eus. Ao observarmos a relação de Virgílio e Dante, é perceptível que o autor buscou construí-la de forma mais natural possível, pois há embates entre os dois poetas, há momentos de exultação da superioridade de um e outro.

A forma como a personagem de Dante é construída, no início da *Comédia*, é bastante condizente com a realidade. Ele aparece como uma pessoa desnordeada e perdida, que anseia por prosseguir, mas não tem meios para tal. Virgílio é inserido então como a ponte que auxiliará Dante a chegar ao seu objetivo, chegar a Beatriz.

Virgílio aparece na *Comédia* como um ser iluminado, capaz de afugentar os males que atormentam Dante (o leão, a pantera e a loba), ou seja, ele possui os conhecimentos que faltam a Dante para que ele possa cumprir sua missão. Virgílio tem uma postura humilde e bondosa, característica dos bons mestres, disposto a repassar todos os seus conhecimentos e, além disto, disposto a encorajar Dante a encontrar dentro de si a força necessária para chegar ao Paraíso e adquirir a sabedoria divina.

Da exultação inicial de se ver diante de seu poeta mais estimado, Dante passa logo a ficar temeroso, pois não se julga merecedor de ser ajudado por tão ilustre escritor, e começa a duvidar das reais intenções do poeta latino. Mas logo Virgílio lhe dá as explicações necessárias que o convencem de suas boas intenções. Essa situação é muito verossímil, pois quando estamos frente aos nossos mestres, também inicialmente somos tomados por uma exultação perante eles, laudando seu conhecimento, mas após esse momento inicial, somos levados a olhar mais criticamente e ver nossos guias como realmente são, com suas virtudes e defeitos.

Os embates entre Dante e Virgílio são uma das formas de aprendizado à qual Dante está exposto na *Comédia*. É através deles que ele se fortalece e mostra uma postura ativa em relação ao que Virgílio está disposto a repassar, assim sendo, se a relação entre os dois não sofresse quebras de harmonia, poderíamos dizer que um dos dois poetas estaria com uma postura muito submissa e aceitativa para com o outro, o que faria com que a verdadeira produção de conhecimento não se fizesse. Dessa forma, Dante alterna sua postura de insegurança e segurança, afetando a forma como Virgílio se comporta para com ele. Digo isso, pois Virgílio repreende ou censura Dante apenas em resposta a posições ou comportamento de Dante, como quando, após Dante louvar se afirmar como um profundo conhecedor da obra virgiliana, não reconhece o Flegentonte, presente na *Eneida*, Virgílio faz então ao florentino uma crítica leve. Assim como quando Dante critica a falta de controle de Virgílio sobre os demônios obrigando-os a fugir, Virgílio lhe devolve a crítica. Por conseguinte, a postura de Virgílio é a de humildemente ajudar a evolução de Dante, mas sem, no entanto se deixar ser subjugado pelo florentino.

Essas oscilações na relação entre os poetas se mantêm até o purgatório, apesar de se apresentarem sutilmente diferentes. Quando ambos chegam ao purgatório, Dante se mostra mais forte e mais audaz que no inferno, enquanto que Virgílio continua se mostrando sábio, mas sem conhecimento superior ao possuído por Dante.

Há ainda atritos entre os dois, pois Dante ainda espera que Virgílio lhe seja superior em conhecimento, ainda querendo receber mais do mestre. E como isso não é mais possível, ele se irrita com seu mestre e lhe é em certos momentos ríspido.

Conforme a peregrinação avança pelo purgatório há na relação dos poetas maior cumplicidade, pois estão mais equiparados em termos de conhecimento. Virgílio já praticamente repassou para Dante toda sua arte e engenho, não tendo mais o que oferecer ao florentino. E Dante finalmente percebe que se equiparou ao mestre e volta a tratá-lo com o devido respeito e gratidão. Pois compreende que o poeta mantuano chegou ao seu limite, e se compadece por perceber que o poeta não terá a oportunidade de superar a sabedoria terrestre e acessar a divina. Estas percepções de Dante demonstram que o poeta está cada vez mais evoluído e aproximando-se cada vez mais da sabedoria divina, que é ao final seu objetivo. Virgílio é, portanto, além de guia, um meio que Dante autor encontrou para ressaltar a evolução que estava ocorrendo com seu personagem no decorrer da *Comédia*.

A partir da metade do purgatório, o tom dos diálogos entre os poetas se torna mais afável, quase como um prelúdio da despedida. Há um carinho e um sentimento de querer bem em ambos os poetas que demonstra que aos poucos eles vão tomando conhecimento de que estão chegando ao final de sua jornada em conjunto. Virgílio segue muito consciente de estar chegando ao fim de sua missão, enquanto que Dante parece não compreender muito bem o que está acontecendo.

Quando finalmente chega o derradeiro momento, Virgílio fala a Dante pela última vez, explicitando que é chegada a hora de seguir sozinho o caminho, pois não há mais nada que possa lhe ensinar. Ele lhe passa a mitra e a coroa, num gesto que simboliza que, se Dante prosseguir, terá superado seu mestre. Virgílio faz esta derradeira fala sem demonstrar tristeza ou mesmo inveja por seu discípulo superá-lo, apresentando, no entanto, um olhar orgulhoso de ter conseguido guiar seu pupilo e ajudá-lo a superar o mestre.

Parece que Dante fica impressionado com a fala, mas não a compreende em sua totalidade, uma vez que segue o caminho e, a certa altura, olha para traz e recebe um aceno de Virgílio. E mais adiante Dante procura mais uma vez a ajuda de Virgílio, mas o poeta já não o acompanha mais, e somente então Dante se percebe sozinho sem seu mestre querido. Ao contrário de Virgílio que se afastou alegre por ter cumprido sua missão, Dante se entristece e lamenta a ausência do mestre, sendo repreendido por suas lamentações. Este momento evidencia, por sua vez, que Dante não se sentia tão pronto a seguir sozinho, característica típica dos discípulos, que sempre relutam em abandonar a barra da saia do mestre.

Pode-se entender que, a partir do aparecimento de Beatriz, ela agora será o mestre e o guia de Dante, conduzindo-o para além do que Virgílio poderia, ou seja, ela o ajudará a acessar a sabedoria que vem de Deus. Esta leitura apresenta uma justificativa para o comportamento de Dante, que demonstra insegurança ao se confrontar com a ausência de Virgílio. Assim, o autor consegue demonstrar que seu sentimento de insegurança não é falsa modéstia. Pois ele consegue alcançar a excelência de Virgílio, que é terrena, mas ainda precisa obter a sabedoria divina, que somente a teologia pode fornecer. E para chegar até ela, Dante contará com a ajuda de Beatriz.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno*. Trad. Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *A Divina Comédia: Purgatório*. Trad. Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998.

AUERBACH, Erich. *Ensaio de Literatura Ocidental: filologia e crítica*. Organização de Davi Arrigucci Jr. E Samuel Titan Jr. Trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2007.

STABELE, Karla Cristine. *O Purgatório na Divina Comédia de Dante*. Monografia Bacharelado em História – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2003.

VYGOTSKY, Lev. S. *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.